

O ENSINO DE LEITURA NA EJA COM O USO DE REVISTA: UM DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO E QUESTÕES DE GÊNEROS

Rosely de Oliveira Macário (PPGFP - UEPB)

roselymacario@hotmail.com,

Linduarte Pereira Rodrigues (DLA/PPGFP - UEPB)

linduarte.rodrigues@bol.com.br

Introdução

Este trabalho constitui parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, intitulada: Práticas de letramento na educação de jovens e adultos: a revista como possibilidade de formação do leitor crítico. Partimos de um contexto escolar da EJA cujo cotidiano era observado a presença de alunos, que a pesar de permanecer na escola não conseguiam aprender a ler. A partir de então, objetivamos adequar nossas ações teóricas metodológicas a dialogar com esses interlocutores e assegurar o direito a educação formal. Para tal desafio, traçamos o objetivo evidenciar práticas de letramento escolar na sala de aula da Educação de Jovens (EJA) a partir da leitura de revistas de circulação nacional com ênfase para a sobrevivência dos alunos na cultura marcadamente letrada, numa perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

A partir da análise dos dados coletados por meio de observações participativas e das entrevistas realizadas buscamos o sentido do ensino de leitura na reflexão sobre a prática docente na EJA para uma demanda social constituída por pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade adequada, conforme a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), em seu Art. 37º, que determina que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”.

Assim, com esse propósito, buscamos as contribuições teóricas: Bronckart (1999), Bauman (2009), Freire (1985; 2003; 2011), Moita Lopes (2013), Rodrigues (2009), entre outros. A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública municipal na

cidade de Campina Grande-PB no segundo semestre letivo de 2012. Esta teve como participantes 29 alunos, regularmente matriculados no I ciclo inicial e final, inserida no 1º segmento do Programa Especial de Educação de Jovens e Adultos (PREEJA), em torno da leitura mediada com o uso de revistas (VEJA, Cláudia, Atrevida, Guia Astral, Ana Maria, Viva etc.).

No que concerne à faixa etária desses alunos constatamos o conflito intergeracional vinculado ao fenômeno da juvenilização nesta modalidade de ensino. A presença de grupos etários oscilava entre 12 e 65 anos. Dessas categorias observadas no percurso da investigação vê-se, portanto, protagonistas de histórias reais, particularmente, de estudantes/mulheres, das quais revelam uma trajetória de experiências de negação ao direito à educação formal, de desigualdade social e exclusão social.

Metodologia

A metodologia “roda de conversa”, através da escuta sensível, sugerida por René Barbier (2002), vinculando-a ao princípio da dialogicidade (FREIRE, 1985), motivados pelo relato da aluna T de 33 anos¹ que conhecedora da problemática da aluna A, de 38 anos, no que tange a não aprendizagem da leitura, sugeriu que ela fizesse como seu exemplo fora da escola, que passasse a ler revistas de horóscopo, pois ela “aprenderia rapidinha”, deriva no redimensionamento das ações educativas, cuja atenção buscamos trabalhar os gêneros discursivos presentes na revista, a exemplo de capa, sumário, anúncio publicitários, entre outros.

É importante salientar, também que diante de discursos por parte de algumas estudantes/ mulheres, na incapacidade da mulher aprender, buscamos refletir nossas práticas de leituras e pensar em eventos de letramentos numa dimensão ideológica, cujas ações educativas em torno das revistas derivaram sentidos para os participantes da pesquisa, uma vez, que as temáticas tratadas pelas revistas trabalhadas em sala de aula focavam temas de interesse do público feminino da EJA.

Notadamente, o trabalho com uso de revistas na sala de aula em foco avançou, partíamos de horóscopo para ler outros tipos de revistas, geralmente

¹Atendendo aos princípios éticos da pesquisa, os sujeitos estão identificados pelas letras A, L, T, S, M,

destinadas as mulheres das classes populares. Diante das discussões da relevância de saber ler na sociedade contemporânea e revisitando as memórias de negação desse direito a educação. Constatamos um quadro de complexidade e interseções entre o direito a educação e a realidade apontada através dos relatos dos alunos da EJA.

Resultados e discussão

Vimos, portanto, que a revista estava presente na vida cotidiana dos atores sociais participantes da pesquisa. Observamos nos relatos desenvolvidos durante a investigação que o aluno da EJA lia fora da escola, à relação do aluno com a revista estava vinculada à interatividade em torno da leitura com fins de aquisição de informação religiosa, comercial, publicidade, entre outras.

Na etapa final da pesquisa no dia 10/12/2012, a professora pesquisadora organizou sua aula dessa vez fora da escola, à leitura de revista seria num lugar onde encontrávamos a revista enquanto produto que se comercializa, ou seja, numa das três bancas de revistas localizadas na Praça da Bandeira, centro da cidade de Campina Grande-PB, cuja observação, possibilitou a constatação que as estudantes/mulheres examinavam a capa, **liam** os assuntos e caso gostassem da revista, logo atentavam para o preço, rapidamente decodificado, posteriormente selecionavam as que interessavam para comprá-las.

A observação da interação desses sujeitos sociais na banca de revista possibilitou um avanço na pesquisa. Pudemos registrar a compra de revistas do tipo: atualidades, novelas, orações, moda, culinária, entre outras, por parte do aluno da EJA.

Nesse mesmo dia, após a visita à banca de revista, vivenciamos outro evento de letramento numa perspectiva de uso social da leitura. Tal evento de letramento ocorreu por ocasião da confraternização entre os participantes da pesquisa, numa pizzaria da cidade.

Na pizzaria o aluno teve acesso ao gênero textual cardápio, e nele fez uso social da leitura. Analisou os tipos de pizzas disponíveis naquele estabelecimento comercial, em um preço compatível com a realidade econômica dos alunos da EJA, como nos recomenda Molica e Leal (2012, p.3): “os programas de alfabetização de jovens e adultos devem estar fortemente conscientes de suas responsabilidades

quanto à utilização oportuna de estratégias eficazes de inserção dos alunos na vida letrada”.

Conclusão

Cabe ressaltar o caso da aluna A, de 38 anos, que motivou nossa ação docente com o estudo da leitura em sala de aula com foco no uso de revistas. Ela se envolveu com a prática, encontrando o prazer pela/na leitura, motivando todos para a aquisição de mais revistas, de mais leituras, a cada encontro. Uma prática que adquiriu proporções positivas, e momentos encorajadores, como quando essa aluna relata o quanto é emocionante poder decifrar o código escrito, chorando e sorrindo, ao mesmo tempo, por se revelar, descobri-se, leitora.

Dos diversos relatos apresentados em nosso estudo, cabe destacar o da aluna que exercia a função de gari, justamente no lugar onde se localizavam as três bancas de revistas visitadas em nossa pesquisa-ação. Essa aluna, de 42 anos não se via leitora fora do ambiente escolar, estava centrada na leitura na escola. Porém, com o desenvolvimento das rodas de conversa, realizadas na sala de aula, atreladas aos diversos relatos das novas descobertas feitas pelo “o encanto da leitura”, nos mais diversos contextos sociais, inclusive na banca de revistas, onde os alunos da EJA estiveram envolvidos com a leitura efetiva, sócio-culturalmente evidenciada pelo ato de ler; ela ora profissional ora aluna expressou que até então não tinha observado que poderia também ter acesso aquele ambiente de leitura: “via revistas, às vezes, jogadas no chão, as quais faziam a coleta de lixo”, e pouco refletia, observava, “eram lixo, não revistas”. E assim seguia, vendo possíveis leituras como lixo por não ter a leitura como função social.

Diante disso, amadurecemos para o entendimento de que refletir a prática de leitura na perspectiva de formação de leitores críticos perpassa pela formação inicial e principalmente continuada, cujo encaminhamento das ações teórico-metodológicas nos possibilita aproximar a teoria da prática com mais amadurecimento profissional.

Referências

- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BARBIER, R.A **pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002 (Série Pesquisa em Educação, v.3).
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 27. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2013.
- MOLLICA, M. C.; LEAL, M. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola. 2012.
- PINTO, R. O interacionismo sócio-discursivo, a inserção social, a construção da cidadania e a formação de crenças e valores do agir individual. *In*: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Orgs.). **O interacionismo sócio-discursivo: Questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p111-119. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- RODRIGUES, L. P. Textos, discursos e sujeitos híbridos: a plasticidade cultural contemporânea à luz da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu. *In*: **VI Congresso Internacional da ABRALIN**, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009. v. 1.